

DA LITERATURA E DA LEITURA

Carlos Azevedo

Presidente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Sabemos que Platão se preocupava com o lugar da poesia na cidade. Tratava-se da questão do poder e encantamento que a arte de imitar exercia sobre os homens, atraindo-os para o falso e desviando-os da razão. Ultrapassada a primeira década do século XXI, a poesia não será reconhecida como ameaça. Mas devemos continuar a testar o seu lugar, isto é, o da literatura, em confronto com um mundo que, numa indiferenciação generalizada, as quer expulsar em nome da ciência que se transmite e do espaço em que esta transmissão ocorre: um cenário contaminado pela vocação totalitária da imagem, pelo reino do audiovisual e da telecomunicação, pela dispensa da palavra escrita. A própria leitura pode evoluir, mas no fundo permanece sempre o que foi: o contacto do leitor com o texto. Esta circunstância não vai mudar, o que muda são as formas como esse ato acontece.

Parece indefensável, contudo, ver no clima utilitarista que nos cerca a causa única da ameaça ao lugar que a literatura deve ocupar. De resto, também os próprios livros estiveram desde sempre postos em risco por aquela imensa maioria de pessoas que não lê, bem como por aqueles autores que se colocam ao serviço da indústria do livro, cuja lógica conduz à irrelevância estética e literária dos respetivos produtos. Gera-se um processo em que o criador se transforma em cúmplice do avanço sobre a literatura das recentes tecnologias da distração e dos meios de comunicação social: é por aqui que se canaliza a perceção global das relações humanas na sua moldura mais espetacular, aplicando-se ao mundo das ideias as conveniências exploradoras das respetivas modas.

Aquilo em que a literatura normalmente se converte não tem qualquer importância: a literatura como instituição, como manobra social ou como aquilo a que se convencionou chamar literatura de emprego, legitimada pelas universidades. É que a universidade raramente se afirma como espaço de cultura: ela é, maioritariamente, emprego ou trânsito para o mercado. O ímpeto dominante dos que escolhem aquilo a

que chamamos Letras não está marcado por preocupações de foro humanístico ou pelo gosto da leitura, mas sim pelo estudo das línguas como um fim em si mesmo, ativado pela ânsia de um futuro emprego para agentes de ensino. Daí que a literatura seja entendida nas universidades como uma tarefa, uma condenação, uma burocracia de leitura. Mas o chamado ensino da literatura deve continuar a ser reivindicado no quadro mais geral da afirmação daquilo que, apesar de tudo, ainda é conhecido por humanidades, sendo certo que a intuição, a sensibilidade e o gosto não se ensinam, educam-se. Ao professor de literatura, correndo embora o risco de ser olhado como o sem-abrigo das universidades, ou até da própria sociedade, cabe levar os estudantes/leitores à informação antes da formação e ensinar-lhes a necessidade do conhecimento de uma das humanidades fundamentais para que possam experimentar, e refletir sobre, o que é (ou pode ser) ler, escrever, dialogar, investigar – no fundo, aprender.

A literatura não se confunde com a soma dos textos escritos existentes. A especificidade literária remete para um discurso depositário da memória da palavra, para um espaço pleno de significação inteira. O lugar da literatura é impensável se não nos aproximarmos cada vez mais de hipóteses de utilização da criação literária como forma de transmissão de valores, sejam eles linguísticos ou morais. Os estudantes de literatura, leitores empenhados que devem ser, podem assim adquirir a noção da importância das palavras e dos efeitos que elas têm, entender que o essencial dessa processualidade se joga em matizes subtis na organização dessas mesmas palavras.

É assim possível encontrar no acesso aos textos literários uma ajuda para a compreensão do mundo e descobrir na utilização da literatura um instrumento de medição da humanidade. Há que estimular um desejo de conhecimento - que é uma forma de inteligência, pelo que o fim da literatura acompanharia o fim da vida inteligente no planeta - e ensinar a romper com a sucessão dos monólogos que avassalam a nossa época. Sem certezas. Mas com a convicção de que a tarefa da criação literária dura, enquanto durar o Homem, seja de que modo for. É em torno desta situação que devemos hoje cumprir o lugar da leitura, da literatura e dos seus destinos